



CONCEPÇÕES E VIVÊNCIAS DO PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DA OFICINA DE AVALIADORES DA FEIRA DE CIÊNCIAS, MATEMÁTICA E MAIS SABERES DA METADE SUL DO RS

Gabriela Soares Traversi (gabrielastraversi@gmail.com)

1. INTRODUÇÃO

Esta é uma escrita autobiográfica, que relata minha vivência enquanto formadora de avaliadores da Feira de Ciências, Matemática e Mais Saberes da Metade Sul do Rio Grande do Sul (FECIMES). De acordo com Clandinin, Connelly (2015), este tipo de escrita nos proporciona escrever sobre um contexto de vida, nesse sentido, trago alguns aspectos da minha vida como profissional atuante em Feiras de Ciências e, dessa forma vou recontando a minha história ao trazer as lembranças de um momento de formação muito significativo para minha caminhada profissional.

Este texto traz as experiências vividas por mim durante o planejamento e a execução de oficinas de avaliadores de Feiras de Ciências, nos anos de 2015 à 2019, em que preparamos os profissionais e acadêmicos para a avaliação dos trabalhos apresentados nas últimas edições da FECIMES, uma Feira de Ciências de caráter regional, organizada pelo Programa Núcleo de Estudos em Ciências e Matemática (PRONECIM), pertencente ao Instituto Federal Sul-rio-grandense, Campus Pelotas Visconde da Graça (IFSul/CAVG).

O evento recebe escolas vencedoras de Feiras de Ciências municipais, que ocorrem em diversas cidades da metade sul do nosso estado. Os trabalhos apresentados são enquadrados em cinco categorias, Educação Infantil, Ensino Fundamental Anos Iniciais, Ensino Fundamental Anos Finais, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Destas, as três últimas são divididas em três grandes áreas, Ciências da Natureza e Matemática, Ciências Humanas e Linguagens.

Eu chego ao PRONECIM no ano de 2014, quando ingressei no mestrado profissional do Programa de Pós-graduação em Ciências e Tecnologias na Educação (PPGCITED), no período em que a FECIMES estava sendo organizada. Então, me inseri no grupo de bolsistas colaboradores e participei dos processos de logística e premiação da edição daquele ano. Já naquela edição havia ocorrido uma oficina para capacitação dos avaliadores dos projetos, porém, não me envolvi neste processo.

No ano seguinte, após algumas mudanças na estrutura da Feira e da equipe de trabalho, passo a fazer parte da coordenação técnica do evento e, juntamente com minha colega, que exercia a mesma função que eu, começamos a repensar a oficina de avaliadores. Acreditávamos que este momento não tinha a valorização necessária, pois era feito sem o devido planejamento e organização.

Ao longo dos anos trabalhados em Feiras de Ciências, venho observando que o processo de avaliação é uma etapa muito relevante para todos os envolvidos, sejam os alunos, professores e até mesmo os próprios avaliadores, pois não é só o



momento em que os resultados do trabalho serão expostos, mas também é na avaliação que se mostra todo o desempenho dos alunos enquanto pesquisadores e dos professores como orientadores da pesquisa.

Lenz e Herber (2013), relatam que ao utilizarem a educação pela pesquisa, os professores estimulam nos alunos a autonomia em relação à investigação, fazendo com que eles desenvolvam a curiosidade, os sentidos, a intelectualidade. Além disso, geram a indagação e o interesse pela Ciência, tornando-a uma fonte de prazer, transformando a qualidade de vida e as relações humanas.

Nesse sentido, percebo que os avaliadores da Feira exercem um papel significativo, pois eles irão verificar se o trabalho desenvolvido pelo professor e pelos alunos foi realizado com sucesso ou não. Estes profissionais deverão ser capazes de avaliar se a atividade proporcionou o desenvolvimento das habilidades pretendidas, alcançou os resultados esperados, gerou respostas (esperadas ou não) e até se houve alguma transformação na maneira de ser e pensar destes estudantes.

Segundo Hadji (2001), a avaliação deve contribuir para a construção das habilidades e competências dos estudantes, levando-os ao êxito do ensino. Sendo assim, se faz necessário um olhar mais apurado por parte do avaliador, para que os projetos apresentados não sejam avaliados de forma superficial, visando não apenas o produto final, mas também o processo de construção do projeto e as transformações exercidas por ele nos estudantes envolvidos.

Ao analisar os critérios de avaliação de projetos de Feiras de Ciências, Lima et al. (2013) concluíram que estes têm seu foco no produto, avaliando o conhecimento final e definitivo, deixando de lado a compreensão das escolhas e conflitos que marcaram o desenvolvimento daqueles projetos.

Partindo desses pressupostos, o grupo organizador da Feira entendia que a oficina de avaliadores da FECIMES deveria ser um momento de esclarecimento sobre o processo de avaliação, uniformizando-o e tornando-o significativo tanto para quem avalia quanto para quem está sendo avaliado, tendo como foco o processo de construção daquele projeto e não só o seu produto final.

Nesse sentido, creio que a minha vivência nas Feiras de Ciências e também nas oficinas tenha contribuído para o aperfeiçoamento desta atividade ao longo dos anos, pois ocorreram muitas trocas de conhecimentos e de experiências entre mim e os colegas que foram e ainda são avaliadores.

Segundo Clandinin, Connelly (2015), o pesquisador narrativo se estabelece e trabalha no campo de pesquisa ao lado dos participantes, moldando sua narrativa a partir de suas observações e conversas e não só do que pode ser visto e contado, mas também daquilo que não é dito e não é feito. Dessa forma, entendo que a Pesquisa Narrativa seja uma maneira eficiente de relatar as experiências vividas por mim durante as oficinas de avaliadores da FECIMES.

Dessa forma, Mello et al (2016) dizem que a investigação narrativa estuda a experiência de forma narrativa, analisando a maneira como ela é vivida e contada, algo que vai além de contar histórias. Sendo assim, este relato é muito mais do que contar uma história, trago aqui uma análise da vivência adquirida no planejamento e execução da oficina de avaliadores, de como este processo me fez refletir sobre a atuação destes profissionais e como essa reflexão irá me levar a novas experiências e pesquisas.



2. CONTEXTO E DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

Apesar de já estar em sua 8ª edição, a FECIMES passou a contar com a oficina de avaliadores a partir da 4ª edição, em 2014. Em 2015, assumi junto com minha colega, a coordenação da oficina, pois acreditávamos que esta precisava de uma nova abordagem, em que os avaliadores pudessem ter um momento de discussão e apropriação dos mecanismos de avaliação, levando em conta a importância das mesmas.

Seguindo as ideias de Hadji (2001), entendíamos que a avaliação vai muito além de uma medição, observação ou atribuição de valor. Avaliar é envolver-se, pronunciar-se em relação às expectativas de um determinado processo, e para tanto, é necessário que se saiba o que se vai encontrar e observar.

A partir daí, planejamos, montamos e executamos uma nova oficina, com o objetivo de uniformizar a avaliação, fazendo com que os avaliadores estejam aptos a analisar trabalhos de diferentes áreas, porém de forma subjetiva, com um olhar para o processo como um todo, observando não só o experimento apresentado, mas também outros fatores que constituíam aqueles trabalhos e envolviam os estudantes e professores participantes, tudo isso de forma precisa e coerente.

Desde 2014, já realizamos cinco oficinas de avaliadores para a FECIMES (2014, 2015, 2016, 2018 e 2019), todas com uma média de 20 a 30 participantes. O público alvo são alunos do PPGCITED dos cursos de especialização e mestrado, egressos destes cursos e alguns professores de escolas da rede pública e particular que foram avaliadores em anos anteriores. Em 2018, passaram a fazer parte também alunos dos cursos de Licenciaturas das áreas de Ciências da Natureza do IFSul/CAVG.

A maioria dos participantes da oficina são professores do Ensino Básico e as áreas de atuação destes permeiam as Ciências da Natureza (Biologia, Física e Química) e a Matemática, na maior parte, porém, também há professores das áreas de Linguagens e Ciências Humanas.

A oficina de avaliadores da FECIMES acontece todos os anos, no mês de setembro, geralmente quinze dias antes da data de realização da Feira, nas dependências do IFSul/CAVG, tem duração de duas horas e é composta por três momentos (Tabela 1).

Na primeira parte, fazemos uma apresentação da FECIMES, trazendo sua origem e um breve histórico de edições anteriores, com o objetivo de integrar os avaliadores no contexto da Feira. A responsável por esta apresentação é minha colega, que trabalha no PRONECIM desde sua fundação e participou de todas as edições da FECIMES, neste momento mostramos algumas fotos de edições anteriores e ela relata alguns fatos ocorridos, principalmente sobre os tipos de trabalhos apresentados.

No segundo momento, fazemos a apresentação do regulamento da Feira e análise da ficha de avaliação, explorando todos os seus itens, para que os avaliadores se familiarizem com este instrumento. Esta etapa é conduzida por mim.

Além da explanação da ficha de avaliação, trago alguns relatos de situações de avaliações, objetivando apontar alguns erros cometidos por avaliadores de edições anteriores, mas também relato experiências positivas de avaliação, para que



os profissionais se sintam encorajados a fazer um trabalho que vise a valorização do processo vivido e mostrado ali pelos alunos e professores participantes.

O fechamento da oficina se dá com o esclarecimento de possíveis dúvidas e discussões sobre o processo de avaliação. Percebo que este é o momento mais importante da oficina, pois é quando os profissionais compartilham comigo e com o grupo algumas de suas experiências em Feiras de Ciências, quando as tem, e aqueles que estarão participando pela primeira vez trazem suas dúvidas e inquietações. Estes diálogos são enriquecedores para a formação dos avaliadores.

Tabela 1: Síntese das atividades das Oficinas de Avaliadores da FECIMES

Atividades
Apresentação dos ministrantes
Apresentação da FECIMES: origem e histórico de edições anteriores
Apresentação do regulamento da Feira e análise da ficha de avaliação
Fechamento: dúvidas e discussões sobre a avaliação

Fonte: Banco de dados PRONECIM

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

Com a realização das oficinas de avaliadores ao longo destes cinco anos, pude perceber que houve uma continuidade na participação por grande número dos profissionais, evidenciando que a maioria fica satisfeita em fazer parte do processo avaliativo e retorna nos anos seguintes. Este fato me faz acreditar que a avaliação é fundamental não só para quem é avaliado, mas também para os profissionais que avaliam, pois se torna um momento também de aprendizado e troca de experiência.

Portanto, cada vez mais entendo que reunir os profissionais avaliadores de Feiras de Ciências em uma oficina de formação aperfeiçoa o processo avaliativo e dá voz a este grupo de pessoas que trazem suas inquietações e vivências, promovendo importantes diálogos, significando a uniformização e a socialização desta atividade.

Ao fazer a socialização de professores para a discussão de processos avaliativos de Feiras de Ciências, Lima et al (2013), puderam constatar, por meio dos depoimentos, que estes eventos proporcionam novos conhecimentos científicos aos estudantes, que vão muito além das técnicas e procedimentos, pois os levam à solução de problemas que podem estar contextualizados com seu cotidiano.

Considerando estas ideias, nosso objetivo ao promover a oficina é fazer com que os participantes visualizem na ficha de avaliação todo o processo de construção do projeto e também as transformações obtidas após a realização, não se atendo apenas ao produto final apresentado no momento da Feira, mas valorizando aquilo que os alunos têm a dizer e mostrar para além do experimento.

Então, a ideia da oficina é romper com concepções de um ensino conclusivo, midiático e classificatório, caracterizado por uma avaliação que se baseia no resultado final desfavorecendo a perspectiva formativa e investigativa, promovida pelas Feiras de Ciências (SILVA; MORADILLO, 2002). Para mim, é fundamental que os avaliadores tenham esta consciência.

Ao pensar nas Feiras de Ciências como espaços formativos tanto para alunos quanto para professores, vejo que os avaliadores precisam romper com processos



que ainda valorizam o conceito final mais do que a construção de conhecimentos e sua aplicação na vida do estudante (CACHAPUZ et al., 2004), pois ao fazer uma avaliação mais ampla e consciente de todo o processo, os resultados obtidos ao final da Feira serão satisfatórios e significativos para todos os envolvidos. Percebo que ao participarem da oficina de formação, os avaliadores da FECIMES adquirem um pouco deste novo olhar para a avaliação e encaram os trabalhos com uma perspectiva diferenciada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre as experiências vivenciadas por mim como formadora de avaliadores da FECIMES, vejo que estes encontros deveriam ser disseminados e divulgados, pois muitos participantes das oficinas relatam que não vivenciam momentos como estes em outras Feiras de Ciências.

Existem muitas discussões sobre os projetos desenvolvidos para as Feiras de Ciências no que diz respeito à investigação e seus procedimentos, porém, pouco se sabe sobre como é feita sua avaliação (LIMA et al., 2013). Ao buscar algumas referências para embasar este relato, constatei que não há publicações que tragam a visão ou as experiências dos avaliadores de Feiras de Ciências.

Nesse sentido, entendo que é preciso começar um movimento voltando o olhar para este grupo de profissionais, tão esperado pelos participantes das Feiras. É necessário saber como eles se sentem, o que pensam, se estão preparados para avaliar e, principalmente, se são conscientes de sua importância nestes eventos.

No que diz respeito às oficinas, creio que ainda precisam ser melhoradas, no sentido de dar mais voz aos participantes, fazendo com que tragam suas experiências como avaliadores, que participem mais na construção e discussão dos critérios de avaliação, algo que ainda se mostra muito rígido.

Como professora participante de Feiras de Ciências, vejo que os avaliadores são muito valorizados pelos alunos e professores, porém, o mesmo não acontece por parte das comissões organizadoras destes eventos. Muitas vezes estes profissionais chegam para avaliar sem nenhuma orientação, isso, acaba prejudicando os resultados da avaliação e muitas vezes, esta não reflete o esperado pela organização e pelos participantes.

Portanto, o objetivo de futuras oficinas e pesquisas é documentar os relatos, as observações, as conversas e concepções deste grupo de pessoas, que exerce um papel significativo nas Feiras de Ciências. É necessário que se realizem mais oficinas de formação, mais encontros de avaliadores, onde se discuta a importância de uma avaliação ampla, coerente e que valorize os processos de construção de conhecimento.

5. REFERÊNCIAS

CACHAPUZ, A.; PRAIA, J. JORGE, M. Da Educação em Ciências às orientações das ciências: um repensar epistemológico. **Revista Ciência & Educação**, v.10, n.3, 2004, p. 363-381.



CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa Narrativa: experiências e história em pesquisa qualitativa**. 2ª Ed. EDUFU, Uberlândia, 2015.

HADJI, C. **Avaliação Desmistificada**. Artmed Editora, Porto Alegre, 2001.

LENZ, A. M. S.; HERBER, J. Feira de Ciências: um projeto de iniciação a pesquisa. **Destaques Acadêmicos**, v.5, n.2, p.69-75, 2013.

LIMA, K. E. C., FLORENÇO, A. M. A., & VASCONCELOS, S. D. Pressupostos de professores do ensino básico de Pernambuco na definição de critérios para avaliação de projetos de Feiras de Ciências. **Anais do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, 2013.

MELLO, D.; MURPHY, S.; CLANDININ, D. J. Introduzindo a investigação narrativa nos contextos de nossas vidas: uma conversa sobre nosso trabalho como investigadores narrativos. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, v. 01, n. 03, p. 565-583, set/dez. Salvador, 2016.

SILVA, J. L. P. B.; MORADILLO, E. F. Avaliação, ensino e aprendizagem de Ciências. **ENSAIO – Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 04, n. 01, 2002.